A IMPORTÂNCIA DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NA AULA DE ARTE

DOUGLAS SILVA GOMES

RESUMO
O presente trabalho apresenta parte de uma pesquisa em andamento na área de inclusão de alunos surdos, no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Arte em contextos públicos de ensino, considerando os percursos teórico práticos desta abordagem. A arte oferece a possibilidade de o aluno construir um significado para uma obra, sempre se baseando em experiências e por meio das emoções vivenciadas. O que os professores podem fazer para tornar a produção e a fruição das artes acessíveis ao público surdo? Na busca de estabelecer um caminho voltado para essas questões, propomo-nos a analisar os processos de ensino-aprendizagem de alunos surdos nas escolas primárias neste trabalho de pesquisa.

Palavras – Chaves: Arte. Libras. Intérprete. Surdo.

ABSTRACT
The present work presents part of an ongoing research in the area of inclusion of deaf students, in the teaching-learning process in the discipline of Art in public teaching contexts, considering the theoretical and practical paths of this approach. Art offers the possibility for the student to construct a meaning for a work, always based on experiences and through the emotions experienced. What measures can be taken by the teacher to make art production and enjoyment available to the deaf audience? Seeking to build a path guided by these questions, we propose, in this research work, to analyze the teaching and learning processes experienced by deaf elementary school students.

Keywords: Art. Pounds. Interpreter. Deaf

INTRODUÇÃO

A arte oferece a possibilidade de o aluno construir um significado para uma obra, sempre se baseando em experiências e por meio das emoções vivenciadas.

No que diz respeito à disciplina arte inserida no currículo do ensino primário, dado que este campo de estudo pode explorar facilmente a visão, só uma forte presença da visão pode facilitar a aprendizagem? A interpretação de imagens por surdos nas aulas de arte é possível e enriquecida apenas pelos exercícios visuais que eles praticam naturalmente?

Ao refletir sobre Arte pensa-se em algo que, na verdade, não se consegue definir bem. Há indicações imprecisas, exemplos duvidosos e um gostar pessoal, uma espécie de identificação, que influencia os conceitos e os juízos de valor que é expressado acerca das “coisas artísticas” e do repertório cultural construído pelo homem desde os primórdios de sua existência. Imagine um deficiente visual privado totalmente da capacidade de visão.

O que os professores podem fazer para tornar a produção e a fruição das artes acessíveis ao público surdo? A fim de buscar estabelecer um caminho voltado para essas questões, propomos analisar o processo de ensino e aprendizagem vivenciado por alunos surdos do ensino fundamental nas aulas de arte ministradas por professores ouvintes neste trabalho de pesquisa, buscando compreender os aspectos intrínsecos desse encontro e o Considerar o contexto cultural e social dos atores, especialmente a formação histórica dos surdos.

A obra de arte da cultura surda contemporânea pode ser observada no “Movimentos de surdos – Educação Bilíngue para Surdos”, produto cultural de surdos. Na internet, os ilustradores e autores surdos criam diversas obras artísticas que apresentam nitidamente os traços da cultura surda. Esses trabalhos, até o momento, vêm sendo divulgados somente pela mídia digital, não tendo espaço em outros segmentos sociais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao refletir sobre Arte pensa-se em algo que, na verdade, não consegue-se definir bem. Há indicações imprecisas, exemplos duvidosos e um gostar pessoal, uma espécie de

identificação, que influencia os conceitos e os juízos de valor que é expressado acerca das "coisas artísticas" e do repertório cultural construído pelo homem desde os primórdios de sua existência. Imagine um deficiente visual privado totalmente da capacidade de visão.

A metodologia proposta pelos PCN's para o ensino de Arte propõe uma análise do objeto ou do ato artístico dentro de uma visão triangular que aborda não apenas o objeto ou ato em si, mas que necessariamente exige a compreensão do contexto histórico em que o referido objeto ou ato foi produzido. Isto significa analisar os objetos ou atos artísticos a partir do contexto de quem os produziu.

A terceira ponta desse triângulo é o fazer artístico. As experiências artísticas significativas que o educando vivencia na sua vida escolar. Acrescentamos o adjetivo "significativas" a essas experiências para ressaltar a importância que elas desempenham na futura relação que o homem adulto, hoje criança em idade escolar, terá com a arte na sua vida.

É comum não gostar daquilo que não se conhece. As aulas de arte desenvolvidas na maioria das escolas não conseguem despertar o interesse do aluno pelo conteúdo ou atividade proposta, como também, não esclarece o real sentido da arte na realidade do aluno surdo.

É comum também a visão do ensino de arte como passatempo, momento para relaxar e não fazer nada, aula para desestressar, ou por outro lado, a execução de kits de atividades (desenhos mimeografados ou fotocopiados para serem coloridos, etc.), que em nada contribuem para a formação do educando.

Essas atividades soltas, descontextualizadas de sentido histórico, sem embasamento técnico, não são capazes de despertar motivação em quem as pratica. Em geral quando são desenvolvidas em sala de aula é comum tomarem dois sentidos: se o professor for muito rígido em sua relação com os alunos, provavelmente, estes se mantenham apáticos e o resultado da atividade será frustrante; por outro lado, caso o professor mantenha uma relação que valoriza a autonomia dos alunos corre o risco, durante a atividade, de perder o controle sobre seu direcionamento. No final, plasticamente, o resultado é melhor visto porque é fruto de um ato de autonomia dos alunos, mas não deixa de ser frustrante.

Positivamente, no ensino das artes, problematizamos o trabalho do professor e a definição de seu papel em sala de aula, buscando melhorar seu desempenho. Como queríamos preservar uma impressão de sua personalidade enquanto os alunos leem as obras de arte que ele produziu e seu trabalho, perguntamos de que forma um professor poderia contribuir para o crescimento de um aluno sem dominar seu processo criativo e seu processo criativo. Estudar. Afinal, um professor de arte seria um mediador, uma ponte, um mestre técnico?

Os professores podem assumir esses comportamentos para ajudar os alunos no caminho para o conhecimento artístico. No entanto, essa "relação" entre a obra de arte e o aluno também pode fazer do professor o mediador da experiência. Por outro lado, se buscamos estar "juntos", como professores ouvintes para alunos surdos, sua prática docente exige muita flexibilidade.

O profissional foi obrigado a assumir o desafio de se colocar entre um mundo de comunicação com modos fundamentalmente diferentes, seu natural, oral e escuta, transpondo informações, interpretando conteúdos e contextos de aprendizagem para alcançar a visibilidade dos gestos da língua de sinais.

Em primeiro lugar, é preciso atentar para a especificidade da situação do aluno e considerar estratégias para a realização de atividades que levem em conta as necessidades que normalmente antecipamos devido à surdez.

Apesar de não conhecermos o trabalho até então, a cidade de São Paulo atende alunos surdos desde 1956, quando sua rede absorveu o centro educacional para crianças surdas criado em 1952 e o transformou em Instituto Municipal para Crianças Surdas. Pessoas surdas. Foi a primeira escola pública do estado de São Paulo para surdos e, por muitos anos, a única escola pública da cidade de São Paulo com esse credenciamento.

Seu nome mudou várias vezes, e em 1967

passou a ser conhecido também como Instituto de Educação de Excepcionais e em 1976 como Escola Municipal de Educação para Deficientes Auditivos (EMEDA) (DILLI, 2010; CAPOVILLA; RAPHAEL, 2005). Mais quatro EMEDAs foram criadas em 1988 para otimizar os serviços em áreas urbanas. Em 1999, houve uma nova mudança de nome e a unidade passou a se chamar Escolas Municipais de Educação Especial (EMEEs). No mesmo ano, foi criada uma sexta escola (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2005).

INTÉRPRETE DE LIBRAS: UMA POLÍTICA EM CONSTRUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS é uma modalidade de comunicação viso gesto-espacial, ou seja, expressa através das mãos, das expressões faciais e do corpo. Ela possui níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, podendo ocorrer variáveis dialéticas em todo país. A legislação representou um passo fundamental no processo de reconhecimento e formação do profissional intérprete de língua de sinais, bem como, sua inserção oficial no mercado de trabalho.

O profissional é obrigado a assumir o desafio de se colocar entre um mundo de comunicação com formas fundamentalmente diferentes, sua naturalidade, oralidade e escuta, para transformar informações, interpretar conteúdos e aprender contextos para obter os visuais dos gestos da língua de sinais.

O PROFISSIONAL INTÉRPRETE

Reconheceram a Língua Brasileira de Sinais, como uma forma de comunicação com o aluno surdo, e aprenderam que a LIBRAS deve ser respeitada e utilizada como um meio de se comunicar principalmente no ensino de arte, com essa relação entre professor ouvinte e alunos surdos influencia bons resultados.

Mesmo hoje, quando os cursos são oferecidos pelos órgãos públicos estaduais e municipais ficam limitados, como previsto, ao ensino de LIBRAS e não comportam discussões sobre o planejamento pedagógico adequado às especificidades dos alunos surdos. Quanto mais essa comunidade for respeitada, através de seu envolvimento em atividades políticas e culturais, bem como melhoria de seus níveis de escolaridade, maior será o nível de exigência quanto à formação e qualificação do profissional intérprete.

A LITERATURA SURDA NA CONTEMPORANEIDADE.

O que pode ser considerado como literatura surda? Este é um tema que pode ser desdobrado de variadas formas. Primeiramente, apontar o que pode ser considerado literatura surda e, posteriormente, como a literatura, enquanto cam¬po de conhecimento disciplinar pode fazer parte, ou melhor, incluir uma proposta de literatura perpassada por uma pedagogia visual surda, onde as especificidades da surdez são valorizadas e trazidas para o interior da sala de aula.

É necessário começar a reflexão da importância da educação artística da cultura surda para o conhecimento e informação dos momentos históricos da educação de surdos e as análises dos autores surdos contemporâneos das artes visuais da cultural de Surdos, a partir do Plano Nacional da Cultura (PNC) que explica que:

Em todos os momentos históricos, o pensamento produzido por esses autores estava estreitamente vinculado às tendências do conhecimento da época, manifestadas principalmente na linguística estrutura, na estética, na pedagogia, na psicologia cognitivista, na própria produção artística, entre outras. (2000, p.23)

Nesse momento, é necessário falarmos sobre como a comunidade de surdos, ou melhor, a militância surda vem caracterizando o que vem a ser a identidade e cultura desse grupo social. Segundo Perlin (1998), existem várias identidades surdas e os indivíduos que integram a militância social possuem a chamada “identidade surda política”. Porém, é importante alertar para algumas das observações levantadas por Garcia, ao afirmar que o conceito de identidade,

Apresenta algumas armadilhas que os próprios movimentos de luta acabam por adentrar, às vezes, de modo até ingênuo. Assim, entender a história de movimentos de luta

de um dado grupo social pode revelar muito a respeito do que consideramos distintivamente humano, como é o caso da capacidade para a linguagem, para o pensamento, para a comunicação e para a cultura (2011, p. 39)

Acredita-se que para grupos de alunos surdos aprenderem mais facilmente sobre a história dos surdos e suas lutas até os dias atuais é importante conhecerem a diversidade cultural e artística, pois além de despertar sua curiosidade, a mesmas ensinam muito sobre diversos fatos históricos. Após a experiência de qualquer indivíduo em grupo, é possível que esse possa desenvolver sua capacidade de imaginação, criação e até mesmo expressá-las através da pintura e do desenho.

As histórias literárias tiveram suas versões escritas e traduzidas, sendo largamente publicadas a partir do século XV, com a criação da imprensa. As traduções infantis por sua vez, passaram a surgir somente no século XVII com o escritor Charles Perrault (LEITÃO, 2011). Nesse interim, outros escritores como os Irmãos Grimm, Hans C. Handersan, Joseph Jacobs e Jeanne-Marie L., (MACHADO, 2010) também voltaram sua atenção às crianças, iniciando o processo de popularização da Literatura Infantil.

Assim como as histórias são criadas e recriadas através dos tempos e adaptadas às culturas as quais são inseridas, também a comunidade surda usa deste recurso para expressar sua cultura, transmitir seus valores, registrar suas lutas e apreciar um bom momento de prosa.

Assim desde as histórias criadas por sujeitos surdos como Tibi e Joca (BISOL, 2001), O Feijãozinho Surdo (KUCHENBECKER, 2009), Casal Feliz (COUTO, 2010) e As estrelas de Natal (KLEIN E STROBEL, 2015), como as adaptadas dos clássicos da Literatura infantil como Cinderela Surda (HESSEL, 2003), Rapunzel Surda (SILVEIRA, 2005), A cigarra surda e as formigas (OLIVEIRA; BOLDO, 200?) e O Patinho Surdo (ROSA, 2005), etc..., são exemplos de histórias que procuram registrar e retratar as dificuldades encontradas pelo sujeito surdo num mundo de ouvintes, e também mostrar a importância de encontrar semelhantes que ouvem pelos olhos e falam pelas mãos.

HISTÓRIA DA ARTE

Há cerca de 40.000 a.C, iniciou a história da arte, nas paredes das cavernas, os homens da pré-história, desenhavam cenas do cotidiano como caça, rituais, flechas e etc. Este era o único meio de comunicação, cujo o nome é chamado de arte rupestre, também conhecida como gravura, é compreendida como o amplo conjunto de desenhos, pinturas e anotações realizadas pelo homem pré-histórico. Apenas duas cores eram utilizadas, a cor preta e a cor vermelha. A cor preta era obtida do carvão de madeira ou de osso. A cor vermelha era produzida a partir de ocre, uma argila vermelha ou castanho-amarelada.

Assim a arte rupestre poderia ser um conjunto de expressões estético-simbólicas, inseridas em determinadas culturas, onde compreendemos que:

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos. No primeiro plano destes sistemas colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas buscam exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e mais ainda, as relações que estes dois tipos de realidade estabelecem entre si e que os próprios sistemas simbólicos estabelecem uns com os outros. (LÉVI-STRAUSS,1950, p.XIX).

Segundo Lévi-Strauss, a várias possibilidades de compreender as imagens simbólicas das cavernas. Uma dessas possibilidades e o homem entre essa sociedade em que está inserido, fruto do momento sócio cultural em que vivia.

Portanto o homem passou a viver em grupos maiores, assim passaram a construir suas próprias casas, para se proteger do frio, criaram seus próprios trajes. Através das novas descobertas o homem passa a dominar a natureza, buscando novos suportes para se comunicarem, passou a se expressar através de gravar o cotidiano em ossos, pedras, madeiras e etc.

A partir do caule da planta, o homem no Egito Antigo, passou a produzir o papiro, utilizado pelos escribas egípcios para fazer anotações sobre o império.
Dando origem ao pergaminho, feito da pele do animal, proporcionou a facilidade da dobra e da costura levando ao códex. Assim foi criado o livro, que na época era artigo de luxo, disponível apenas para os nobres.
Chegando se a criação do papel, onde os monges se dedicaram as tarefas do ensino e a escrita, para a leitura sagrada:

A arte egípcia tem um objetivo imediato, pragmático e realista, ela sempre esteve a serviço de uma teocracia, e esta era também extremamente materialista. Tratava-se de um sistema de crenças particularmente voltado para a vida após a morte, mas o defunto devia gozar de todos os seus prazeres mundanos. (D'Aquino 1980, p. 6)

De acordo com Aquino, os desenhos nas paredes das capelas, explicam a importância social do indivíduo, eram levemente escavados, para que não sofressem mutilações.
Temas religiosos e mitológicos, eram representados pelos artistas gregos, em homenagem aos deuses gregos. As obras de arte se destaca, até os dias atuais, pelas belezas e perfeições de suas esculturas, pinturas e obras de arquitetura.
Os Romanos dominaram a Grécia e passaram a imitar o estilo artístico grego, as tintas eram produzidas de materiais da natureza como, metais em pó, vidros pulverizados, substâncias extraídas de moluscos e pó de madeira. Desta forma, construíram várias pinturas romanas: paisagens, retratos, arquiteturas, pinturas populares e pinturas triunfais.
Durante um período os Romanos, passaram a perseguir os cristões, portanto os cristões para mostrar sua fé em Cristo, criaram pinturas com pequenos símbolos nas catacumbas, como por exemplo, o símbolo da cruz, (simbolizava o sacrifício de Jesus), símbolo da âncora (símbolo da salvação) esta obra passou a se chamar, Arte Cristã Primitiva.
As perseguições aos cristões foram acabando, após o Imperador Constantino, liberar o cristianismo. Iniciando a Arte Bizantina, foram construídas arquiteturas e mosaicos, que foram destacadas pela presença marcantes das cores, onde eram feitos temas religiosos.
O objetivo dessa obra, era orientar os fiéis analfabetos, pois eram elaborados desenhos com as passagens bíblicas, para compreensão dessas pessoas.
Na arte Medieval, no período da Idade Média, foram construídos castelos e igreja, por fortes paredes grossas e com poucas janelas, pois para a igreja católica, desse modo não entrariam força do mal.

INÍCIO DA ARTE NO ENSINO BRASILEIRO
O início da arte no Brasil, iniciou com os Padres Jesuítas em 1549, com o objetivo de ensinar os princípios bíblicos aos índios, eram utilizados técnicas artísticas.
Porém, com a chegada Família Imperial no Brasil, inicia-se o ensino formal das artes com a implantação da Academia Imperial de Belas Artes, em 1816, o acesso era permitido apenas as classes dominantes.
O ensino era rígido, se caso os alunos descumprissem as normas, os alunos eram punidos, com castigos, como a palmatoria.
De acordo com BARBOSA, a arte não precisava ser ensinada, mas expressada livremente pelos alunos. Entretanto após a Proclamação da República foi rompimento o padrão tradicional da Academia Imperial De Belas Artes, após o rompimento passou a se chamar Escola Nacional de Belas Artes.
Enfatizando estas mudanças, foi criada a Lei 5692/71, instituiu a obrigatoriedade do ensino de arte na escola, porém a disciplina artes, era vista como uma atividade e ministrada por professores de outras disciplinas.
No ano de 1980 começa a ser discutido o processo de ensino das artes, como obrigatoriedade. Desta forma, artes começa a ser vista como uma disciplina importante no ensino. Conforme a Lei 9394/96, arte faz parte do desenvolvimento do indivíduo, portanto deve ser inserida no processo de ensino escolar.
Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, a disciplina está contextualizada com todas as disciplinas do currículo escolar.
Segundo Ana Mãe Barbosa, a Arte Moderna

no Brasil está entrelaçada, a outra modalidade, tanto no passado, presente e futuro. Na realidade, nossa primeira grande renovação metodológica no campo da Arte-Educação se deve ao movimento de Arte Moderna de 1922. (BARBOSA, 1975. P. 44).

ARTE COMO APOIO AOS MOVIMENTOS SURDOS

Neste ponto deste artigo, parece relevante conhecer mais sobre a relação histórica entre os surdos e as artes, e compreender que a expressão artística não pertence apenas ao professor, muito menos ao público. A arte não pode ser vista como um dom dado, posto em prática com a permissão do educador.

A expressão artística é a linguagem utilizada pelos surdos, que não depende necessariamente de seu sucesso acadêmico. Ana Mae Barbosa (2012a: 34) destacou que "os canais de realização estética são inerentes à natureza humana, independentemente das diferenças sociais". Assim, em um momento em que governos, sociedades e educadores têm dado pouca atenção aos direitos dos surdos, as pessoas encontraram na arte um canal de expressão, principalmente por meio das imagens.

Os primeiros registros escritos dos surdos foram feitos por Plínio, o Velho, em seu livro "História Natural", escrito entre 77 d.C. E em 79 d.C. numa conferência dedicada aos pintores romanos, foi brevemente relatada a história de Quintus Pedius, neto de um ex-cônsul do Império Augusto, aparentado com o próprio monarca, que nasceu surdo. Sua família intercedeu junto ao imperador por ele, pedindo permissão para ensiná-lo a pintar. Segundo Plínio, com o consentimento do imperador, o menino teve aulas de pintura e avançou muito nessa prática (MENDONÇA, 1998: 320).

LEITURA DE IMAGENS: UM DIÁLOGO COM A ARTE-EDUCAÇÃO

Uma das funções da Arte-Educação diz respeito à mediação entre a arte e o público, pois as obras de arte são materializadas pelos artistas que as produziram, mas se alcançam maior amplitude com a participação do público.

Enquanto os artistas ou produtores em arte criam suas obras, também interagem com outras pessoas e o meio social; o público, por sua vez, participa ativamente por meio de seus diferentes modos de ver, analisar, apreciar e gostar das obras. Em geral, a arte e o seu ensino adquirem relevância.

Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano (BARBOSA, 1991, p. 04).

Frente ao papel da arte na formação dos sujeitos, ela se constitui conteúdo de estudo escolar; assume-se que ela pode ser ensinada e aprendida também na escola, sobretudo na disciplina de Arte. Essa corporificação visa ajudar os alunos na apreensão viva e significativa de noções e habilidades culturais, com noções acerca de produções artísticas pessoais e apreciações estéticas, ou análises mais críticas de trabalhos em diversas modalidades. Logo, há a necessidade de se trabalhar a organização pedagógica das inter-relações artísticas e estéticas junto aos estudantes.

A crítica e a estética são fundamentais para ler obras de arte, já que este exercício envolve questionamento, busca, descoberta e o despertar da capacidade crítica dos alunos, bem como compreende o domínio da ação, do desenvolvimento artístico, como, por exemplo, o trabalho de ateliê. Ao contextualizar, opera-se no domínio da História da Arte e de outras áreas de conhecimento, necessárias para determinado programa de ensino. Em relação ao ensino/aprendizagem de arte, a concepção de História da Arte não é linear, mas pretende contextualizar a obra no tempo e explorar suas circunstâncias. Em lugar da preocupação em mostrar a chamada 'evolução' das formas artísticas através do tempo, pretende-se mostrar que a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal; ela é parte integrante de nosso dia a dia. No entanto,

O importante não é ensinar estética, história e crítica da arte, mas desenvolver a capacidade de formular hipóteses, julgar, justificar e contextualizar julgamentos acerca de imagens e de arte. Para isso, usam-se conhecimentos de história, de estética e de crítica de arte (BARBOSA, 1991, p. 64).

A imagem pressupõe comunicação. Qualquer tipo de arte, mesmo abstrata, favorece a comunicação. De acordo com Santaella (2002), para construir uma experiência de leitura da obra de arte, é necessário considerar três importantes fases. A primeira é a disponibilidade contemplativa, em que se olha para a obra com simplicidade, deixando os sentidos perceberem-na, passando pelas cores, linhas e formas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dificuldade e luta dos surdos é entendia ao analisarmos todo o processo que este enfrentou e ainda está em constante mudança. Ao conhecer a história da pessoa surda e as suas relações sociais percebe-se que são passagens de muitas batalhas e especificidades.

Portanto este trabalho me proporcionou, um grande enriquecimento, tanto na pesquisa de campo como nas pesquisas bibliográficas. Pois podemos observar, as consequências que uma aprendizagem mal desenvolvida, pode causar no processo de aprendizagem.

No entanto, ao se identificar as atuais conquistas da comunidade surda, tanto no que se refere às relações sociais quanto ao contexto escolar, percebe-se que existe uma considerável evolução. Através deste estudo foi possível compreender que o papel do intérprete de Libras na aula de arte é de grande relevância no contexto da escola regular. Esta pesquisa se considera por servir como uma contribuição para entender as dificuldades das gerações de surdos ao lidar com desafios cotidianos para sua inserção na vida social. De acordo com os estudos atuais, a comunidade de surdos é tida como mais um grupo social que integra e enriquece a diversidade cultural que caracteriza o Brasil. Porém, devido ao preconceito e a descrença de que somos capazes de contribuir para o enriquecimento da nação, muito em função da baixa escolaridade que nós surdos ainda possuímos, vivemos uma situação de segregação.

Preocupado com a subjetividade, a emoção e a construção da identidade de nossos jovens, hoje bastante estigmatizada, acredito que esse projeto pode contribuir para um novo olhar sobre as transformações que vêm ocorrendo no interior desse grupo. Mais especificamente, pretendo me apropriar da construção de textos imagéticos e a releitura das histórias infantis que historicamente sempre foram lidas para as crianças ouvintes, mas que nunca foram presentes na experiência infanto-juvenil dos surdos.

Sendo assim, concluímos a importância do papel do professor, no processo de alfabetização. A avaliação deve ser continua e partindo da dificuldade encontrada neste processo o professor deve inovar suas aulas. Só assim, haverá uma efetiva garantia de igualdade e ensejo para as pessoas surdas nas relações sociais e educativas e em especial na aula de arte.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br. Acesso em 16 abril 2024.

_____. Ministério da Educação, Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br. Acesso em 16 abril 2024.

_____. Lei n. 12.319, de 1º setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Diário Oficial da União. Disponível em: www.planalto.gov.br Acesso em 16 abril 2024.

COSTA, Juliana Pellegrinelli Barbosa. O Surdo e as posições do sujeito ontem e hoje: falta, excesso ou diferença. UNICAMP, 2009.

GÓES, M. C. R. Linguagem, surdez e educa-

ção. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista. São Paulo: Plexus, 1997.
HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. Desenvolvendo a comunicação usada pelas pessoas com surdez. Ciranda Cultural, 2009.
LACERDA, Cristina B.F.de. Intérprete de LIBRAS: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação, 2010.
LEITE, Emeli Marques Costa. Os Papéis do Intérprete de LIBRAS na sala de aula inclusiva, MEC, 2009. PERLIN, Gládis.
MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?São Paulo: Moderna, 2003.
NORTHERN, J. L.; DOWNS, M. P. Audição em crianças. 3. ed. São Paulo: Manole: 1989.
STROBEL, Karin, Teorias da Educação e Estudos Surdos. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.
QUADROS, Ronice Muller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre, 1997. MAKRON, G. Boog, Manual de Treinamento e Desenvolvimento, São Paulo, 1994.
RUDIO, Victor (37º Edição), Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica. Editora: Vozes, 2010.
SALLES, Heloisa Moreira Lima, Caminhos para a Prática Pedagógica, Brasília, MEC, 2005. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. 2ºed. Brasília: MEC; SEESP, 2007.